

Coro e Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti
Ekaterina Gubanova



17 + 18 out 2019



Música e Natureza

17 OUTUBRO
QUINTA

21:00 — Grande Auditório

18 OUTUBRO
SEXTA

19:00 — Grande Auditório

Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian
Orquestra Estágio Gulbenkian
Coro Infanto-Juvenil
da Universidade de Lisboa

Lorenzo Viotti Maestro

Ekaterina Gubanova Meio-Soprano

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Erica Mandillo Maestrina do Coro Infanto-Juvenil da UL

IMAGEM DE CAPA: LORENZO VIOTTI © MÁRCIA LESSA – GM

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 3, em Ré menor

Kräftig. Entschieden (Forte. Decisivo)

Tempo di Menuetto

Comodo. Scherzando

Sehr langsam (Muito lento). *Misterioso*

Lustig im Tempo und keck im Ausdruck (Alegre no tempo e atrevido na expressão)

Langsam. Ruhevoll. Empfundnen (Lento. Tranquilo. Profundo)

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Museu da Universidade de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

O concerto de dia 18 de outubro é transmitido
em direto pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 1h 45 min.
Concerto sem intervalo



Gustav Mahler

Kaliste, 7 de julho de 1860
Viena, 18 de maio de 1911

Sinfonia n.º 3, em Ré menor

COMPOSIÇÃO: 1896

ESTREIA: Krefeld, 9 de junho de 1902

DURAÇÃO: c. 1h 45 min.

São vários os testemunhos ligados à Sinfonia n.º 3, a mais vasta de Gustav Mahler. Foi concluída, na sua primeira versão, em agosto de 1896, durante uma estadia na localidade de Steinbach am Attersee, na zona austríaca de Salzkammergut. “Quase deixou de ser música; não representa outra coisa senão os sons da natureza”, escreveu Mahler à sua amiga e admiradora, Natalie Bauer-Lechner. Numa outra missiva, dirigida ao crítico Richard Batka, pode ler-se: “Esquecemos muitas vezes que a natureza engloba tudo, tudo aquilo que é grande e aterrador, mas também belo e delicado”. Certa vez, também o maestro Bruno Walter se mostrou impressionado com a magnífica cordilheira Hölleengebirge, ao que Mahler retorquiu, dizendo ao seu amigo que não valia a pena perder tempo a contemplar a paisagem, dado que já a tinha retratado, em toda a sua beleza e grandiosidade, na sua Sinfonia recém-concluída. Fica, pois, bem patente a homenagem ao universo grandioso da existência humana, animal e vegetal que Mahler se esforçou por representar, tanto na sua dimensão sensível como também metafísica, na ânsia de compreender a grandiosidade da mensagem criadora e as inefáveis sensações que, por vezes, não são expressas de outro modo do que pela brisa do vento, pela agitação da tormenta ou pela força das emoções. Desde os seus primeiros esboços de 1895, a partitura foi estruturada em sete andamentos,

dos quais o último representava uma visão infantil do paraíso celeste, decalcada, com a respetiva melodia, de uma das canções do ciclo *Des Knaben Wunderhorn* (“A Trompa Mágica do Rapaz”). Esta configuração formal manteve-se até ao regresso de Mahler às suas funções na ópera de Hamburgo, em finais de agosto de 1896. Mais tarde, porém, o músico veio a reduzir a Sinfonia a seis andamentos, emprestando o sétimo à subsequente Sinfonia n.º 4, em Sol maior (1900). Na esteira da corrente programática, cujos fundamentos haviam sido lançados desde o início do movimento romântico, Mahler concebeu um conjunto de títulos poéticos destinados a ilustrar cada um dos andamentos da obra: *Introdução: O despertar de Pan*, 1. *A chegada do verão (cortejo de Baco)*, 2. *O que me contam as flores do campo*, 3. *O que me contam os animais da floresta*, 4. *O que me conta o Homem*, 5. *O que me contam os anjos*, 6. *O que me conta o Amor*. Apesar de terem sido abolidos na versão final, dando lugar a indicações convencionais de andamento, estes componentes revelam-se fundamentais para a plena compreensão da obra, consubstanciando as linhas genéricas de inspiração já mencionadas. Após a conclusão da Sinfonia n.º 3, decorreriam ainda seis longos anos até que viesse a ter lugar a respetiva estreia, ocorrida a 9 de junho de 1902, na cidade de Krefeld. Em grande medida, foi graças aos esforços de Richard Strauss, grande admirador de Mahler, que se reuniram as condições

HÖLLENGEBIRGE EM ISCHL,
POR FERDINAND G. WALDMÜLLER, 1834 © DR

necessárias à fruição pública desta obra-prima. Da estante que ocupava, à frente da Orquestra do Allgemeines Deutschen Musikvereins, Mahler viu erguer-se, entre o público, o mesmo Strauss a bater palmas efusivamente, logo após a conclusão do primeiro andamento. Estava dado o mote para uma calorosa ovação no final do concerto, que coagiu o compositor a regressar ao palco uma dúzia de vezes. O primeiro andamento, na tonalidade de Ré menor, descreve um eixo basilar da Sinfonia, constituindo toda a primeira parte, num total de cerca de trinta e três minutos de duração. Desta gigantesca forma de sonata destaca-se o imponente tema das trompas, o primeiro de uma série de temas de marcha que irão recorrer ao longo do andamento. No naipe dos trompetes, Mahler posiciona uma sonoridade que se tornou característica do seu idioma, o chamado tetracorde triádico, o qual consiste no acrescentamento de uma tríade com caráter de apojetura a uma tríade-base maior ou menor. São várias as instâncias do primeiro andamento em que aparece este acorde, muito apreciado também por Alban Berg e Paul Hindemith. A imaginação de Mahler faz suceder um conjunto de interlúdios descritivos em que participam o oboé solo, o violino solo e o trombone solo. Na fanfarra popular que se segue, Richard Strauss reconheceu “batalhões de trabalhadores desfilando no parque de diversões de Viena, durante a celebração do primeiro dia de maio”, estimulado pela anotação que o próprio Mahler deixou no autógrafo (“A turba”). A segunda parte da obra tem início com o *Tempo di Menuetto*, quadro de contornos pastoris, assente na tonalidade de Lá bemol maior. A secção central, na tonalidade relativa de Fá suspenso menor, evoca “o vento frio do outono”, segundo o compositor. O andamento seguinte baseia-se numa das canções do ciclo já referido, *Des Knaben Wunderhorn*. O primeiro trio reveste-se de tom rústico, na linha do *Tempo di Menuetto* anterior; o segundo trio incorpora

um solo da raríssima trompa de postilhão, instrumento raro, cujo uso foi preterido em favor do mais vulgar fliscorne, sopro de metal da família dos trompetes. Acompanhado pelos violinos *divisi* e mais adiante pelas trompas, este distinto solo parece evocar reminiscências da infância de Mahler.

O andamento conclui com uma violenta incursão na tonalidade de Mi bemol maior, a qual, segundo Mahler, representa o bramido de horror dos animais ao pressentirem a aproximação do homem. Confirmando a vocação programática da Sinfonia n.º 3, o quarto andamento recorre, pela primeira vez, à voz de contralto para entoar uma das passagens da novela filosófica de Friedrich Nietzsche, *Also sprach Zarathustra*, também musicada por Richard Strauss sob a forma de poema sinfónico. Neste momento intenso e comovente, Mahler desvenda as mais remotas fronteiras morais e espirituais do ser humano. No quinto andamento, em Fá maior, o texto provém, igualmente, do ciclo *Wunderhorn*, mais exatamente do poema *Armer Kinder Bettlerlied* (“Canto de mendicidade das crianças pobres”). Em sintonia, Mahler recorre a um coro infantil que imita o “bimm-bamm” dos sinos, juntando-se a um outro coro de vozes femininas, sob as palavras *Es sungen drei Engel* (“Três anjos cantavam”), com o acompanhamento exclusivo das madeiras e trompas, da harpa, do glockenspiel e das cordas graves. Para o andamento final, em Ré maior, o compositor reservou um amplo desenvolvimento de ideias musicais, algumas das quais provindas do andamento introdutório. Desta forma, conseguiu imprimir uma solução unificada à partitura, com dimensões únicas em toda a história da sinfonia. Habilmente, a textura é conduzida para a tonalidade homónima de Ré maior, sobre a qual ecoa a grandiosa mensagem de esperança final.

RUI CABRAL LOPES

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 3, em Ré menor

TRADUÇÃO DE OFÉLIA RIBEIRO

(Friedrich Nietzsche: *Also sprach Zarathustra*)

O Mensch! Gib Acht!
Was spricht die tiefe Mitternacht?
“Ich schlief, ich schlief –,
aus tiefem Traum bin ich erwacht: –
Die Welt ist tief,
und tiefer als der Tag gedacht.
Tief ist ihr Weh –,
Lust – tiefer noch als Herzeleid.
Weh spricht: Vergeh!
Doch all’ Lust will Ewigkeit –,
– will tiefe, tiefe Ewigkeit!”

Des Knaben Wunderhorn

Es sungen drei Engel einen süßen Gesang,
mit Freuden es selig in dem Himmel klang.
Sie jauchzten fröhlich auch dabei:
daß Petrus sei von Sünden frei!

Und als der Herr Jesus zu Tische saß,
mit seinen zwölf Jüngern das Abendmahl aß,
da sprach der Herr Jesus: “Was stehst
du denn hier?
Wenn ich dich anseh’, so weinest du mir!”

“Und sollt’ ich nicht weinen, du gütiger Gott?
Ich hab’ übertreten die zehn Gebot!
Ich gehe und weine ja bitterlich!
Ach komm und erbarme dich über mich!”

“Hast du denn übertreten die zehen Gebot,
so fall auf die Knie und bete zu Gott!
Liebe nur Gott in all Zeit!
So wirst du erlangen die himmlische Freud’.”

Die himmlische Freud’ ist eine selige Stadt,
die himmlische Freud’, die kein Ende mehr hat!
Die himmlische Freude war Petro bereit’t,
durch Jesum und allen zur Seligkeit.

4.º Andamento

(Friedrich Nietzsche: de *Assim falou Zarathustra*)

Oh, homem! Escuta!
O que diz a profunda meia-noite?
“Eu dormia, eu dormia –,
e despertei de um sonho profundo: –
O mundo é profundo,
e mais profundo do que o dia julga.
Profunda é a sua dor –,
E a alegria... mais profunda que o sofrimento.
A dor diz: Passa!
Mas toda a alegria deseja a eternidade –,
– a profunda, profunda eternidade!”

5.º Andamento

A Trompa Mágica do Rapaz

Três anjos cantavam uma doce canção,
que com divina alegria soava pelos céus.
E alegremente rejubilavam também:
por Pedro ser liberto do pecado!

E quando o Senhor Jesus estava sentado à mesa,
tomando a refeição da noite com os seus
doze discípulos,
falou então o Senhor Jesus: “Que fazes aí?
Quando te olho, choras!”

“E não deveria chorar, ó bom Deus?
Quebrei os dez mandamentos!
Vagueio e choro amargamente!
Ah, vinde e tende piedade de mim!”

Se quebraste os dez mandamentos,
caí então sobre os joelhos e implora a Deus!
Ama Deus somente e para sempre!
E então alcançarás a alegria divina.”

A alegria divina é uma cidade sagrada,
a alegria divina, que não tem fim!
A alegria divina foi ofertada a Pedro,
e a todos os homens através de Jesus
e para a eternidade.

Lorenzo Viotti

Maestro



© MÁRGA LESSA - GM

Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Natural de Lausanne, na Suíça, nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo inicialmente sido percussionista da Filarmónica de Viena e colaborado com outras orquestras. Em simultâneo com a sua atividade como instrumentista, estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet, no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. Em 2015 venceu o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*. Anteriormente tinha já vencido o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR (2013). Na sequência destes sucessos, foi convidado a dirigir a Sinfónica de Tenerife, a Filarmónica da BBC de Manchester, a Royal Liverpool Philharmonic e a Orquestra Nacional de Lille. Desde então, dirigiu outras prestigiadas orquestras como as Sinfónicas de Tóquio e Osaka, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Bamberg, a Filarmónica de Bremen, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra da

Rádio de Munique, a Tonkünstler Orchestra, a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Gotemburgo, a Sinfónica Nacional da Rádio Dinamarquesa, a Camerata Salzburg, a Staatskapelle Dresden, a Gustav Mahler Jugendorchester, a Royal Philharmonic Orchestra, ou a Staatskapelle Berlin. Em 2016 estreou-se à frente da Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, da Sinfónica de Viena, e da Orquestra de Câmara do Festival de Verbier. Em agosto do mesmo ano estreou-se no Festival de Verão de Salzburgo, tendo então dirigido a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena. Estreou-se à frente da Orquestra Gulbenkian em janeiro de 2017. No domínio da ópera, Lorenzo Viotti dirigiu *La belle Héloïse* (Offenbach), no Théâtre du Châtelet, em Paris, *La cambiale di matrimonio* (Rossini), no Teatro La Fenice, em Veneza, *Carmen* (Bizet), em Klagenfurt, *Rigoletto* (Verdi), na Ópera de Estugarda e na Dresden Semperoper, *Viva la Mamma!* (Donizetti), na Ópera de Lyon, e *Werther* (Massenet), em Klagenfurt e Frankfurt. Lorenzo Viotti recebeu o prémio *Newcomer* nos *International Opera Awards 2017*.

Ekaterina Gubanova

Meio-Soprano



© A. KARNAUSHENKO

Natural de Moscovo, Ekaterina Gubanova estudou piano e direção coral antes de iniciar a sua formação como cantora lírica no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo. Estudou posteriormente na Academia Sibelius de Helsínquia e foi membro do *Young Artists Programme* da Royal Opera House, em Londres, tendo-se estreado como Flora Bervoix, em *La traviata* de Verdi, em 2003. Em 2005 cantou nas produções de *A Flauta Mágica* e de *Tristão e Isolda* para a Ópera Nacional de Paris. A partir de então, viria a estabelecer-se como um dos principais meios-sopranos da sua geração. Sob a direção de maestros como Daniel Barenboim, Zubin Mehta, Semion Bychkov, Simon Rattle, Myung-Whun Chung, Kent Nagano ou Valery Gergiev, Ekaterina Gubanova interpreta com regularidade personagens das óperas de Wagner, com destaque para Brangäne (*Tristão e Isolda*) e Fricka (*O ouro do Reno* e *A Valquíria*). Em 2014 interpretou Waltraute e Primeira Norna (*O Crepúsculo dos Deuses*) na Ópera de Berlim. No ano seguinte, cantou o papel de *Carmen*, de Bizet, na Ópera de Chicago, Brangäne, na Ópera de Berlim,

e ainda Princesa Eboli (*Don Carlos* de Verdi) e Judith (*O Castelo do Barba-Azul*, de Bartók) na Ópera Nacional de Paris. Mais recentemente, interpretou os papéis de Vénus (*Tannhäuser*), em Amesterdão, e de Amneris (*Aida*, de Verdi) em Viena. Ao longo da sua carreira são também de assinalar presenças regulares no Festival "Noite Brancas" de São Petersburgo, no Festival d'Aix-en-Provence e no Festival de Salzburgo, bem como nos mais prestigiados teatros de ópera, incluindo Metropolitan Opera de Nova Iorque, Teatro alla Scala de Milão, Ópera Estadual da Baviera, Ópera Estadual de Viena, Ópera Lírica de Chicago, Teatro Bolshoi, Teatro Mariinsky e Gran Teatre del Liceu de Barcelona. Em 2014, no âmbito das comemorações dos 400 anos da morte do pintor, escultor e arquiteto El Greco, cantou o Requiem de Verdi no Teatro Real de Madrid. Interpretou esta mesma obra na sua estreia no Japão, sob a direção de Riccardo Mutti. O seu repertório de concertos inclui ainda obras do repertório francês e russo, bem como *A Canção da Terra*, *A Trompa Mágica do Rapaz*, *Rückert-Lieder* e as 2.^a e 3.^a Sinfonias de Gustav Mahler.

Coro Infanto-Juvenil da Universidade de Lisboa



O Coro Infanto-Juvenil da Universidade de Lisboa (CIUL) estreou-se em junho de 2005 na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Desde então, tem vindo a desenvolver uma nova linguagem que associa ao canto a expressão corporal e teatral, tendo-se apresentado em mais de cem espetáculos no país e no estrangeiro. Em 2009 participou na interpretação da *Paixão segundo São Mateus*, de J. S. Bach, no Centro Cultural de Belém (CCB), sob a direção de Enrico Onofri, e no Concerto de Encerramento do festival Música em São Roque. Em 2010 realizou a primeira digressão internacional (Zurique, Estrasburgo e Basileia). Em 2011 deslocou-se a Bruxelas, a convite do Parlamento Europeu, para participar em dois concertos com o título “União Musical”. Ainda nesse ano, atuou na estreia da ópera *A Menina Gotinha de Água*, de M. Azguime. Em 2012 interpretou a cantata *Jeanne d'Arc au bûcher*, de A. Honegger, na Fundação Gulbenkian, sob a direção de Simone Young, deu três concertos nos *Dias da Música* (CCB) e participou num festival de coros juvenis em Basileia, para o qual foi selecionado por um júri internacional. Em 2013 deu um concerto na Sé de Lisboa com o coro canadiano Shallaway e apresentou-se na Bélgica e em Amesterdão. Participou ainda no

concurso internacional *Summer Choral Fest*, em Lisboa, tendo recebido uma Medalha de Ouro. Estreou obras de E. Carrapatoso e D. Schwetz, propositadamente escritas para o grupo, e interpretou ainda a obra vencedora do Concurso Internacional Lopes-Graça, da autoria de A. Teixeira. Em 2014 interpretou de novo a *Paixão segundo São Mateus*, na Fundação Gulbenkian, sob a direção de Michel Corboz. Em julho, a convite do Palau de la Música Catalana, em Barcelona, colaborou em dois concertos com o Coro Juvenil do Palau. Em 2016, 2017 e 2018 regressou ao Grande Auditório Gulbenkian para participar na interpretação ao vivo das bandas sonoras dos filmes da trilogia *O Senhor dos Anéis*. O repertório do CIUL é eclético, abrangendo compositores como Purcell, Bach, Haydn, Mozart, Cherubini, Rossini, Britten, ou Lopes-Graça, entre muitos outros. Dá também especial atenção à música étnica e à música contemporânea. De acordo com a evolução natural dos jovens coralistas, o coro é dividido ocasionalmente em dois agrupamentos distintos com potencialidades diversas, mas unidos pela mesma paixão e entusiasmo. Nasceu assim o Petit CIUL, com os coralistas mais novos, e o Grupo Juvenil, constituído pelos vinte coralistas mais experientes.

Erica Mandillo Direção Artística

Afonso Catarino
Beatriz Braizinha
Carolina Gonçalves
Carolina Guimarães
Catarina Torres
Constança Moura
Eduardo Aguilar
Francisca Soares
Inês Chainho
Inês Proença
Joana Cabral
João Bacharel
João Hornig
Johanna Ahamad
Lucas Robert
Madalena Santos
Mafalda Correia
Manuel Mota
Margarida Portela
Margarida Rosa
Maria Grilo
Maria Reixa
Maria Santos
Mariana Moreno
Mariana Vieira
Salomé Chikhi
Simão Guerreiro
Sofia Santos
Susana Carriço
Tiago Rocha
Tiago Saad
Tiago Silva
Tomás Amado
Tomás Costa
Vasco Gonçalves
Vasco Silva
Vera Costa
Vitória Freitas

Coro Gulbenkian



Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo *a cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel,

Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria-Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

Dominique Tille Maestro Assistente

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Beatriz Ventura
Carla Frias
Claire Santos
Clara Coelho
Filipa Passos
Filomena Oliveira
Joana Siqueira
Lucilia de Jesus
Mariana Lemos
Marisa Figueira
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Nascimento
Liliana Silva
Mafalda Borges Coelho
Margarida Simas
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Patrícia Mendes
Tânia Valente

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins,
Marta Ferreira de Andrade,
Raquel Serra e Fábio Cachão



Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Lorenzo Viotti Maestro Titular

Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal

Leonardo García Alarcón Maestro Associado

Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Salvatore Quaranta *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos *1.º Concertino Auxiliar*
Bin Chao *2.º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura*
David Ascensão*
Tomás Costa*

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1.º Solista*
Jordi Rodriguez *1.º Solista*
Cecília Branco *2.º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Flávia Marques*
Félix Duarte*
Joana Weffort*
David Bento*

VIOLAS
Samuel Barsegian *1.º Solista*
Lu Zheng *1.º Solista*
Leonor Braga Santos *2.º Solista*
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Leonor Fleming*
Nuno Soares*
Chiara Antico*
Precilia Diamantino*

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1.º Solista*
Marco Pereira *1.º Solista*
Martin Henneken *2.º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake

Raquel Reis
Catarina Távora*

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1.º Solista*
Domingos Ribeiro *1.º Solista*
Manuel Rego *1.º Solista*
Marine Triolet *2.º Solista*
Maja Plüddemann
Vanessa Lima*

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1.º Solista*
Ana Filipa Lima *1.º Solista**
Amália Tortajada *2.º Solista*
Mafalda Carvalho *2.º Solista**
Marta Miranda *2.º Solista**

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1.º Solista*
Nelson Alves *1.º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2.º Solista*
Corne inglês
Natacha Fernandes *2.º Solista**

CLARINETES
Iva Barbosa *1.º Solista*
Telmo Costa *1.º Solista*
José María Mosqueda *2.º Solista*
Clarinete baixo
David Silva *2.º Solista**
Igor Varela *2.º Solista**
Samuel Marques *2.º Solista**

FAGOTES
Ricardo Ramos *1.º Solista*
Vera Dias *1.º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2.º Solista*
Álvaro Machado *2.º Solista**

TROMPAS
Gabriele Amarú *1.º Solista*
Kenneth Best *1.º Solista*
Luís Duarte *1.º Solista**
Albert Galka *1.º Solista**
Nelson Silva *1.º Solista**
Eric Murphy *2.º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2.º Solista*
Leonardo Pinho *2.º Solista**

José Bernardo Silva *2.º Solista**
Pedro Fernandes *2.º Solista**

TROMPETES
Adrian Martinez *1.º Solista*
Carlos Leite *1.º Solista Auxiliar**
David Burt *2.º Solista*
Jorge Pereira *2.º Solista**
Renata Cardoso *2.º Solista**

TROMBONES
Sérgio Miñana *1.º Solista*
Rui Fernandes *2.º Solista*
Pedro Canhoto *2.º Solista*
Tiago Noites *2.º Solista**
Daniel Quiles *2.º Solista**

TUBA
Amílcar Gameiro *1.º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1.º Solista*
Marinus Komst *1.º Solista**

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2.º Solista*
Sandro Andrade *2.º Solista**
Miguel Herrera *2.º Solista**
Duarte Santos *2.º Solista**
Tiago Ferreira *2.º Solista**
Diogo Gomes *2.º Solista**

HARPAS
Carolina Coimbra *1.º Solista**
Ana Ester Santos *2.º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins,
Marta Ferreira de Andrade,
Raquel Serra e Fábio Cachão

Orquestra Estágio Gulbenkian

Joana Carneiro Direção Artística

TUTORES

Ana Beatriz Manzanilla

1.ª Violinos

Cecília Branco

2.ª Violinos

Maia Kouznetsova

Violas

Jeremy Lake

Violoncelos

Manuel Rego

Contrabaixos

PRIMEIROS VIOLINOS

Beatriz Saglimbeni

David Garcia Seixas

Gustavo Silva Pais Gonçalves

João Francisco Chicória

Margarida Costa Queirós

Mariana Cabral Monteiro

Pedro Cruz Vieira

SEGUNDOS VIOLINOS

Adelina Maria dos Santos Marques

Beatriz Maria Corodi

Daniel Sousa Soeiro Gandra

Francisco Eduardo Maio Ferreira

Matilde Lourenço Sêro

Olivia Edmundson-Andrade

Sara Sofia Trigo Martins

VIOLAS

Ana Filipa Peixoto

Bárbara Raquel Alves Ferreira

Beatriz Garcia Teves

Leonel Augusto Pedro Andrade

Maria Catarina Olaio Marques

Marisa Beltrão Moreira

VIOLONCELOS

Alessio Silveira da Cunha

Ana Sofia Leão de Oliveira

André Libório Casal

Francisca Santos Luís Parente

Margarida Magalhães Vieira

CONTRABAIXOS

Gonçalo Nuno Moura Abreu

Nuno Roque Coroado

Pedro Rafael da Silva Vicente

Sebastião Carneiro da Silva

COORDENAÇÃO
Catarina Lobo

PRODUÇÃO
Leonor Azedo



APLAUDIR O PAPEL DA CULTURA É TAMBÉM O NOSSO PAPEL

A arte e a natureza têm o poder de inspirar, tocar e transformar as pessoas como poucas coisas no mundo. É com orgulho que a Navigator aplaude o papel incomparável da cultura na vida de todos, ao ser Mecenaz Música e Natureza para a Temporada de Música 19/20 da Gulbenkian.

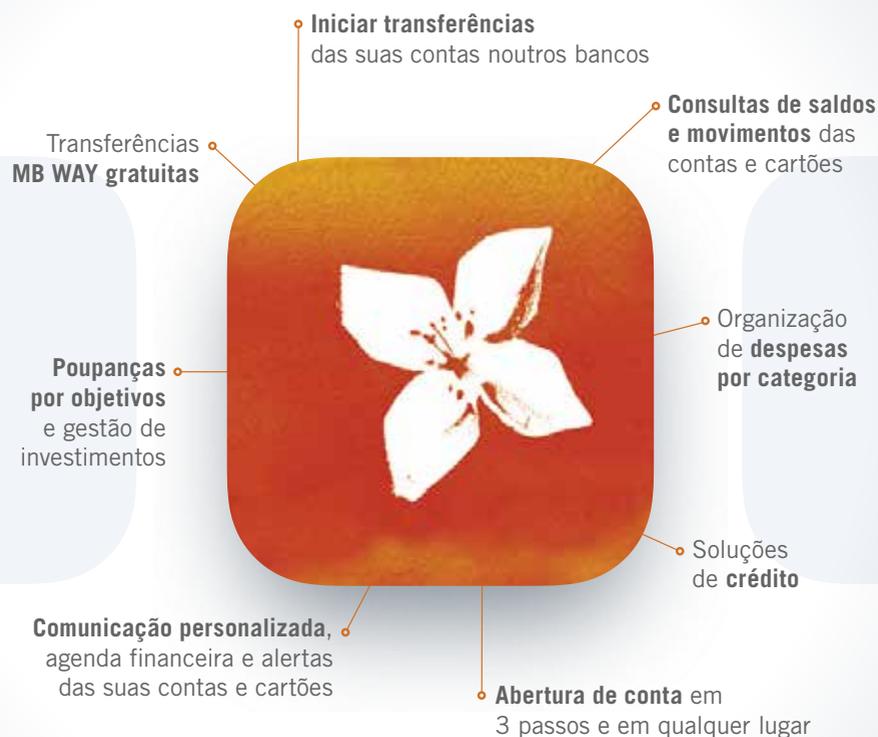
Viver o futuro da cultura é o seu inspirador papel.



Mecenaz Música e Natureza
Temporada de Música 19/20 da Gulbenkian.

thenavigatorcompany.com

Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.



A BPI App tem ^{quase} tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.
Saiba mais em bancobpi.pt



PROGRAMAS E ELENÇOS
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
800 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Outubro 2019

